SUEZ.

Sob o titulo de — *Navegação da Europa á India pelo Mar-Roxo*—estampámos um extenso artigo com um desenho e um mappa, occupando com tão interessante materia as cinco primeiras paginas do n.° 133 da 1.ª serie [pag. 361 a 365 do vol 3.°]: para ellas e para o que dissemos, já no presente volume, a respeito de Moca remettemos aos leitores, addicionando agora tão sómente um complemento dessas noticias.

Ha vehementes rasões para se acreditar que em remotas eras existíra um canal do Cairo a Suez, pelo qual, communicado com o Nilo, sem interrupção velejavam navios do Mediterraneo para o Mar-Roxo: claramente o indicam varias passagens de escriptores antigos: ao passo que as investigações dos modernos viajantes não menos claramente conduziram ao descobrimento de um valle notavelmente nivellado, ou [se podemos aventurar este termo] uma especie de pia, que esteve outr'ora cheia de aguas. Quando os francezes invadiram o Egypto, os engenheiros da expedição pesquizaram esses vestigios, e formaram um *plano para a re-abertura do canal*. No Roteiro de D. João de Castro se toca esta especie, como póde ver-se no logar citado do nosso 3.° vol. — Ahi mesmo se achará a descripção do caminho que por terra se toma para Suez. — Continúa esta cidade em grande abatimento, não obstante ser de novo a paragem de communicação para as Indias orientaes; porque os passageiros que pelo commum se alojam nas duas hospedarias inglezas, pequeno lucro lhe deixam; e o trafico de mercadorias para o Cairo está bem longe de corresponder ao que fôra em tempos passados. O assento e aspecto da terra é ruim e melancholico: os edificios, ao contrario de outras partes, mais servem de afea-la, e isto pelo máu gosto de todos e estado de ruina de muitos.

O celebrado Mar vermelho, ou róxo, é uma porção do Oceano indico, ao qual adhere pelo estreito de Bab-el-Mandeb, que se estende, com largura desproporcionada a seu muito comprimento, desde Suez em direcção quasi sueste até áquella bôca ou passagem. Na extremidade superior ou do norte divide-se em dois golphos divergentes; o de Suez ao noroeste e o de Akaba ao nordeste: entre os dois jaz o promontorio saliente, onde é a montanha do Sinai, famosa nos Livros santos. Deixando atraz o promontorio e entrando logo pelo mar, temos do lado occidental o Egypto, e a Arabia ao oriente: esta costa arabica nos appresenta a distancias maiores ou menores da praia, Medina, Meca, Mocha, e outras cidades, quando do opposto lado africano poucos logares ha importantes afora Cosseir e Berenice. Cosseir é de ordinario onde primeiro aportam os que vão á India: está situada na parte da costa quasi parallelamente a Thebas, e a cem milhas inglezas de distancia; é evidente que antigamente se fez consideravel commercio nesta direcção. Era o porto maritimo de Thebas, quando esta magnifica cidade foi a metropole dos Pharaós: ainda agora o caminho que delle parte para Kenneh, povoação á beira do Nilo não mui longe de Thebas, se reputa muito bom, e em meio se acha excellente agua: porem a mais extraordinaria circumstancia é o indicio que a cada passo se encontra de uma especie de estrada analoga no systema de construcção aos caminhos de ferro, e que por alli passava em tempos mui remotos; ha por toda ella os vestigios de um nivel artificial, como o meio de diminuir o attrito ou fricção. Poucos annos ha que uma

commissão da camara dos communs d'Inglaterra, encarregada de examinar tudo o que dissesse relação á communicação com a India por meio de barcos movidos por vapor, soube pelo depoimento de testemunhas oculares e scientes que de Cosseir ao Nilo era facil manter uma estrada apta ao transito de carruagens: o coronel Burr mandado a este exame pela companhia ingleza tambem certificou a possibilidade de estabelecer por alli o caminho, não achando obstaculo para a construcção de *estações de muda e repouso*. Certo é porem que a via do Cairo para Suez é a seguida; para o que se darão rasões poderosas que não sabemos. O porto de Cosseir não é hoje dos mais seguros, nem admitte quantidade de embarcações de maior porte, talvez seja este um dos motivos que influiram na resolução de preferir Suez, que todavia não offerece grande vantagem. — A alguma distancia para o sudoeste, na praia africana, jazem os restos do porto de Berenice. Assim como foi Cosseir o caes maritimo de Thebas na dynastia dos Pharaós, Berenice era o posto naval, dominando os gregos e depois os romanos. A cidade acha-se em ruina completa; as proporções do caminho terrestre para lá não convidam a intenta-lo novamente. —

Quando tivermos proseguido pelo Mar-Roxo sufficientemente para o sudoeste, a pontos de estarmos defronte de Mecca, acharemos na costa arabica o porto de Jiddá: vista do mar esta terra offerece uma apparencia que até certo ponto illude parecendo bella, mas a primeira impressão favoravel desfaz-se assim que chegâmos ao pé; desagrado mui frequente de experimentar nas cidades do Oriente. O porto é formado por successivas meias luas de bancos de coral, detraz dos quaes os navios estão sobre anchora com segurança e com o mar manso, mas não assim quando sopram os ventos violentos destas paragens, porque então expostos ao seu impeto os arrecifes orlam-se de vagas alterosas. As casas da terra são de varios andares, mas por irregulares e pouco aceadas não agradam á vista como as de outras partes da Arabia: as janellas tem gelosias, que deixam por pintar e da mesma forma os balcões, ornamento geral dos edificios de Levante: as ruas, ao modo do oriente, são umas viellas excessivamente estreitas, não lhes entra o sol senão uma hora no dia e em certa estação. Os bazares estão bem providos, e no tempo da peregrinação a Meca atulhados de estrangeiros de todas as regiões mahometanas; as lojas são uns cubiculos acanhados, de uns doze palmos em quadro; tratam seus ajustes o dono assentado no meio de suas fazendas e o comprador em pé na rua: onde o mercado não é coberto um toldo de lona defende a gente do ardor do sol. Enxames de mercadores e peregrinos, e formigueiros de derviches e mendigos, inundam estes bazares.

Singrando ávante, passa-se o porto e cidade de Moca [vid. p. 145] e chega-se ao estreito de Bal-el-Mandeb, canal apertado por onde o Mar-Roxo desemboca no oceano indico e formado por dois cabos das oppostas praias, arabica e abexim: do cabo Bab-el-Mandeb na primeira até á costa abexim o passo mais curto é de 16 milhas inglezas: poucas milhas distante da costa da Arabia demora um ilheu, chamado Perim, que reparte o estreito em duas partes, *o pequeno* ou oriental, *o grande* ou occidental: o primeiro preferem os navegantes porque nelle se póde deitar ferro; sendo o mais largo de muita profundidade.

Finalmente aporta-se a Adem, e dalli em rota directa a Bombaim sem mais costear ou tomar terra; deixando-se á direita a ilha de Soccotorá, onde antes de Adem esteve o deposito de carvão, e á esquerda a costa meridional da Arabia e a entrada para o golpho ou sino persico. Em Adem o paquete movido por vapor recebe combustivel e mais bastimentos para concluir a viagem até Bombaim. (*)

Agricultura.

Dos estrumes liquidos.

Da mesma forma que nossos cultivadores despresam muitas vezes todos os meios d'augmentar e melhorar seus estrumes, assim tambem abandónam inteiramente os liquidos que podiam substitui-los. Mr. J. J. Prey expôz n'uma das sessões da sociedade agricola, transcripta no Jornal dos conhecimentos usuaes e praticos do 1.° semestre de 1832, o que sua observação e experiencia lhe ensinaram a tal respeito: eis como elle se explicou: — O emprego dos estrumes liquidos tem sido quasi geralmente desmaselado; delles poderiam tirar grandes vantagens, principalmente os pequenos lavradores, que com bem pequena fadiga não só aproveitariam os mesmos liquidos, mas tornariam mais limpas as córtes e curraes de seus gados. O meio d'aproveitar esses liquidos, e de augmenta-los em quantidade é o seguinte: nas córtes e cavalharices se dispõe entre os animaes um rego, ou pequeno canal d'um palmo de profundidade, prolongando-se longitudinalmente até vir cahir n'um poço, ou deposito coberto, e forrado d'alvenaria, dentro ou fóra da cavalharice, como fôr mais commodo: estes regos ou pequenos conductos devem ser construidos assim como o solo da cavalharice de modo que os liquidos escorram naturalmente para os regos, e destes immediatamente ao tal deposito; assim como é evidente que devem estar cobertos com sua taboa ou pranchão de tal justeza que se não possa abalar nem deslocar pelos pés dos animaes. Quando se quer limpar e lavar a cavalharice tiram-se as taes cobertas, e a agua mesma que lava, lá vai gorda escorrer para os regos, e cahindo no deposito augmentar os liquidos. Tudo isto se faz com maior ou menor perfeição segundo o cuidado e as posses do lavrador ou proprietario: é claro porem que de qualquer modo que se faça, com tanto que se consiga o fim, é ella praticavel por qualquer pessoa da mais modica fortuna. A experiencia e a localidade fará o resto, porque se a serra dos estrumes poder estar disposta convenientemente, tambem os liquidos escorridos della irão acrescentar o deposito geral que dissemos. Já se vê que todos estes preceitos suppõem a extirpação d'um abuso desgraçadamente muito commum, e quasi geral, de se guardarem nas mesmas cavalharices monticulos de estrume; o que é prejudicialissimo não só aos animaes que ahi respiram um ar infecto e abafadiço, mas ainda aos seus guardas ou proprietarios, se tem habitação contigua ou proxima.

Mr. Prey recommenda que o tal pôço ou reservatorio geral esteja coberto com tampa como se costuma para defender os poços ou cisternas d'uso commum: e que o liquido que d'ahi se tirar seja expôsto ao sol n'um vaso ou vasilha coberta, por espaço de um mez ou seis semanas a fim de completar uma fermentação, por meio da qual se tor-

(*) Descripção e vista de Bombaim a pag. 220 do vol. 2.° — Serie 1.ª —

na proprio e utilissimo para ser empregado. Isto porem é aperfeiçoamento, e não preparativo essencial.

Dos depositos, a que chamaremos laboratorio d'estrumes.

Extrahimos d'um vasto e interessantissimo artigo que vem no principio do tom. 16, 2.° semestre do Jornal dos conhecimentos usuaes, o que ahi nos pareceu d'um uso facil e praticavel no nosso paiz ácerca das materias fertilisantes da terra em geral, e particularmente a idéa feliz de construir um deposito ou laboratorio dessas mesmas preciosas materias que são metade da agricultura, porque emfim *agricultar é lavrar e estrumar*. Esta idéa não é daquellas que como tantas outras vindas de fóra enganam o lavrador experimental: é simples, perceptivel, e até não é absolutamente nova ou estranha; mas talvez seja novo o methodo scientifico e experimentado que aqui offerecemos. Eis o artigo em resumo.

Juntar n'um logar commum todas as reliquias e pedaços, inuteis em si mesmos, de vegetaes ou de animaes, a estes acrescentar differentes corpos ou substancias terrosas absorventes; taes são as bases materiaes do que constitue o que entendemos por deposito estrumal. A applicação e a pratica destes depositos é antiga na Italia, e na Inglaterra; na França está ainda mui pouco seguida. Esta maneira d'augmentar a quantidade das substancias fertilisantes, sahe fóra dos habitos costumeiros dos agricultores, e até porque a arte de compor estes depositos é nova, e requer mais discernimento e raciocinio do que o que ordinariamente empregam os fazedores d'estrumeiras.— A sua vantagem consiste em que por meio de camadas vegetaes ou animaes alternadas com outras camadas terrosas se opera uma absorpção inerte dos gazes fertilisantes, se apressa a destruição das sementes, e a reducção das tiges, ramos, e das folhas das plantas e vegetaes, e isto sem uma fermentação infecta, do qual o menor dos inconvenientes é o da evaporação dos gazes, como acontece nas estrumeiras ordinarias.

Para preparar o deposito se escolhe um logar abrigado e menos exposto a grande ventilação, cujo solo seja duro, impermeavel, [para o que basta profundar o terreno até encontrar uma bêta de terra forte e rija, ou mesmo a camada de pedra, ou pissarra, que se encontra ordinariamente em certa altura]; a dimensão da caldeira será proporcional aos meios e necessidades do lavrador. No fundo da caldeira se deve lançar uma camada de terra podre ou seja d'entulhos, dos residuos de campos, da côdca de devesas, ou da lama sêcca dos caminhos; e sobre esta outra ligeira camada de cal viva, cousa de uma ou meia pollegada: sobre esta se dispõe uma forte porção e camada de palhas, juncos, matto, plumas de pinheiro, limos, ramos, folha d'arvores, e em geral todos os vegetaes de facil decomposição: e assim por diante alternando sempre as camadas da maneira sobredita, sem que seja necessario bate-las ou calca-las; antes será util que o ar as penetre. No fim de seis mezes se deve remecher todo o conteúdo, e conserva-lo até um anno tendo o cuidado de o ir amolecendo com agua derramada por cima, principalmente na estação quente. A quantidade da cal não é indifferente; é necessario que seja regulada e proporcionada, antes menos que mais, a fim de que não faça por uma acção demasiado forte uma evaporação de gazes superabundante: o emprego da cal tende somente a dissolver os vegetaes e mais substancias que se lançam no deposito. A cal deve ser recentemente feita e logo extincta. Não recêem os lavradores o dispendio da cal, que é zero comparativamente ao beneficio que lhes resulta da laboração sobredita. A colheita e apanha das hervas, plantas, e vegetaes em geral, póde ser feita naquelles intervallos dos maiores trafegos ruraes, e pelos rapazes e velhos que não podem trabalhar em serviços mais pesados; e este serviço até produzirá a melhor limpeza dos bosques e devesas, e a extirpação das más hervas que vivem á custa das boas: assim que o matto, a carqueija, os cardos, o restôlho dos campos, e dos devesaes, os limos, juncos e outras plantas aquaticas da agua salgada ou doce dos rios, dos tanques e charcos; a pluma dos pinheiros, as cascas e cortiça das arvores, as folhas e ramos delgados e folhudos, e os residuos das fabricas de cortumes, e as cinzas das barrelas, e as conchas e cascas marinhas que se acham abandonadas pelas praias e que facillimamente se podem reduzir a cal desfazendo-as ao fogo; os trapos velhos, os residuos de louça quebrada, e melhor os ossos e carne de animaes mortos partida em bocados; tudo póde ser objecto do laboratorio. *[Continuar-se-ha.]*

Conto arabe. —Não tem os arabes por conto, ou apologo, o que vamos referir; mas sim por tradição verdadeira, segundo a qual explicam a escolha do local do templo de Salomão. —

« Jerusalem era chão de lavoura; dois irmãos possuiam o terreno onde se levantou depois o templo; um delles era casado e tinha muitos filhos, o outro vivia só; cultivavam em commum o campo que tinham herdado de sua mãi. Veio o tempo da colheita, os dois irmãos arranjaram os feixes e os dividiram em duas médas iguaes, que ficaram na terra esperando pela debulha: de noite occorreu ao solteiro um bom pensamento; disse comsigo mesmo: — « meu irmão tem mulher e filhos a sustentar, não é justo que o meu quinhão seja igual do seu; portanto eu vou, tiro da minha méda umas poucas de pavêas, que ajuntarei com cautela ao seu monte; elle não dará nisso e por conseguinte não poderá recusa-las. » — Com effeito obrou como pensára. Nessa mesma noite, o outro irmão acordou e disse para a mulher: — « meu irmão vive só, não tem quem o ajude no trabalho e assim mesmo cultiva tanto chão como nós, não é justo que nós tomemos do campo commum tantos feixes como elle; levantemo-nos e levemos secretamente ao seu monte certo numero de pavêas, não o conhecerá amanhaã, e não poderá rejeita-las. » — Marido e mulher assim o resolveram e fizeram. — No dia seguinte os dois irmãos foram ao campo e lá comsigo se admiraram de ver que as médas ainda estavam iguaes; nenhum delles podia inteiramente atinar com a rasão deste prodigio: continuaram a practicar o mesmo algumas noites a fio, mas como cada um delles levava á méda respectiva o mesmo numero de feixes, as duas permaneciam iguaes; até que uma noite tiveram ambos a mesma lembrança, postarem-se de vigia para averiguar este milagre; e vieram a encontrar-se com os feixes que mutuamente destinavam. — Ora o logar, onde tão bom pensamento sobreviera simultaneamente e com tanta perseverança a dois homens, devia ser mui agradavel a Deus; por isso foi escolhido e abençoado para nelle se edificar um templo á divindade. » —

WINDSOR-CASTLE.

O Tamisa vai correndo entre Windsor e Eton, estando a primeira cidade assentada na margem do sul, e a segunda na do norte. A Windsor frequentemente se liga o addicional epitheto de *nova*, para a distinguir de Old Windsor *[Windsor a velha]*, aldêa que fica a pouca distancia: parece, como outras muitas cidades d'Inglaterra, ser devedora da sua origem ao castello-palacio que lhe está contiguo. Este edificio foi começado por Guilherme o conquistador na corôa de um elevado cabeço, sitio escolhido, em parte por motivos de segurança, em parte pela vista e amenidade da situação: o mesmo rei ahi fechou parques e fez grandes tapadas, promulgando ordenações para conservação da caça: posteriores monarchas reformaram a obra, mas as maiores alterações foram feitas por Eduardo 3.º que erigiu a maior e mais esplendida parte do que subsiste; o architecto, que as dirigiu, e que foi bispo de Winchester, recebia por estipendio sete xelins por semana [quatorze tostões pouco mais ou menos] quantia que nesse tempo se reputava consideravel. A rainha Isabel e os seus successores todos tomaram á sua conta a residencia de Windsor; Carlos 2.º a restabeleceu dos estragos que lhe causára a furor revolucionario: os monarchas modernos, Jorge 3.º e Jorge 4.º, á porfia a augmentaram e enriqueceram interiormente de ornamentos e preciosidades da arte, convertendo-a em habitação condigna de reis poderosos.

Os edificios que compõem o castello e dependencias occupam uma milha em circumferencia: já se vê quão longa seria a sua descripção, se a intentassemos. É magnifica a capella real, da invocação de S. Jorge: démos o desenho do interior della com a respectiva noticia em o vol. 2.º pag. 138.— Do alto da torre, que já serviu de custodia a notaveis prisioneiros d'estado, goza-se esplendida e mui dilatada vista, basta dizer que abrange terras de doze condados ou provincias, as voltas tortuosas do Tamisa com uma serie de aldêas e casas de campo, os diversos casaes e granjas, a viçosa paizagem das tapadas e bosque, o conspecto da cidade *a vista de passaro*, e o longo tracto de terreno que se estende a outeiros remotos. — Dois parques estão pegados do predio real. O distincto poeta, Pope, cantou a floresta de Windsor. O parque ou tapada menor tem quatro milhas inglezas de circuito dilatando-se para o norte e nascente do castello: o maior é adjacente ao lado meridional da cidade, e teve em outro tempo 14 milhas de cerca, porem Jorge 3.º separou quasi metade para a formação de granjas de experiencias agricolas, e outros destinos connexos com a agricultura; a paizagem desta grande matta, povoada de alguns milheiros de cabeças de veação, é tão variada quanto picturesca. Intersectam-a varios caminhos, o principal *[Long Walk]*, orlado de uma alameda d'arvores magestosas, segue com tres milhas de extensão desde o portico novo da casa até o alto de um cabeço, donde se desfructa uma soberba vista do castello; do collegio de Eton na outra banda do rio; e do paiz circumvisinho. Por um dos lados da matta se vai ter a *Virginia-Water*, formoso lago na extremidade meridional com um edificio d'imaginosa architectura, chamado o templo da pesca: as suas aguas junto á estrada para Basingstoke formam uma engraçada cas-

cata, e ahi se convertem em ribeiro sinuoso que desagua no Tamisa ao pé de Chertsey. — Em nossos dias, Windsor é o sitio de mais recreio para os soberanos da Graã-Bretanha.

D. Pedro e D. João do Carvajal.

(1312).

[Conclusão.]

La mas injusta pena. — Deus judex justus!

Rei. = ... a infausta sorte vos conduz a um supplicio, aonde seja exemplo de infelices vossa morte.
Haz. = Seguiu á minha dita a desventura, como ao dia mais claro a noite escura.
Most. = Que fizeste? .....
Haz. = Não sei dize-lo.
Elv. = Eu morro de afflicção!
Lua. = Eu sou de gêllo!
Comedia antiga.

Senhor, primeiro cheguei
E ella era finada,
Viram-na os anjos do céu,
Levaram-na em corpo e alma.
Trovas populares.

Corria o meado da primavera do anno de 1312. — Sorriam os verdes campos da Andaluzia (1) vestindo os seus trajos de festa, animava-se e remoçava-se a natureza. Só os mouros da negra Alcandête (2) não sorriam nem se ataviavam, — que ás portas lhes batia D. Pedro de Castella, irmão d'elrei, á frente da flôr dos castelhanos; em quanto o proprio D. Fernando a pouca distancia aguardava, acompanhado da sua boa nobreza, o prospero succedimento das armas do irmão. Resistia a villa empoleirada nos seus calcáreos alcantís como abutre em ninho de rochedos, e a côrte empregava-se em distrahir elrei. Ha no pequeno reino de Jaen, aonde se passava o que levâmos dito, uma grande aldêa posta no centro d'um valle profundo, mas risonho e alegre como todos os valles da Andaluzia; e a aldêa que n'outro tempo se chamava *colonia augusta*, e fôra, que muitos e grandes vestigios de antiguidades romanas o provam, muito maior e mais consideravel povoação, servia, no tempo em que fallâmos, de retiro a elrei e á côrte, que alli esperavam novas dos mouros de Alcandete e do infante D. Pedro de Castella. Sobranceira ao valle sabereis que se erguia, ameaçadora e tremenda, uma serra mui ingreme e direita, como se fosse talhada e affeiçoada por mão humana. Chamava-se a serra *la peña de Martos*, e fazia endoidecer o olhar lá de cima para os abysmos sem fundo que medonhamente escancaravam as pedregosas fauces. Um estreito carril surribado nos penedos levava ao cimo — e que cimo, Deus do céu! — Uma ponta de rocha escalvada e nua, debruçada sobre um inferno — que horror! ... — Se o visseis! ... Lá em baixo, muito em baixo, e tanto que a não alcançarieis com os olhos, uma corrente de agua que bramia pavorosamente; negras saliencias de rochas figurando umas como cabeças de monstros; fendas terriveis a arremedarem bôcas que riam; e um vapor humido, pesado, infecto e vertiginoso, que sahindo lá do negrissimo precipicio toldava a cabeça e as vistas; era um logar tão feito para amedrontar e desvairar, que melhor o não fizera a mais cruel vontade.... E ter de contar-vos o que nesse logar maldito um dia se passou! ...

Era pela manhaã. — Pouco a pouco o sol já intenso desfizera o nevoento toucado da serra; rasgava o céu diaphano e claro o ultimo pincaro da *peña de Martos* — aquelle de que vos fallei agora: um vulto estava lá em cima, de comprido ferragoulo escuro todo aljofarado do orvalho matutino, armas completas, morrião desemplumado, e feroz catadura; tinha erguida a gradisella da viseira e estava de pé á beira do precipicio; era d'alta estatura e rosto ferino, e ria com os olhos postos no abysmo, ria com riso diabolico, ria como de certo nunca imaginastes que fôra possivel rir diante de tamanho horror .... tamanho, que maior só era o daquelle hediondo rir. Poucos momentos eram passados depois que o vulto mencionado sobresahira de entre os vapôres da serra a desfazerem-se, quando na pequena esplanada começou a apparecer a apostolica e veneranda cabeça de um velho, que subia a custosissima ladeira quasi arrastadinho, tão velho era, e tão dobrado o pozera a idade ou a dôr — quem sabe? — E trazia o velho a cabeça nua, açoitada a rara madeixa alvissima pelo vento altaneiro; pisados os olhos, mas seccas as faces; subiu, subíu, e como chegasse a pôr os pés na ponta da rocha deu com os olhos no vulto que já lá estava, como medindo e calculando a profundeza do precipicio, e recuou ao modo de quem se sente mordido por uma vibora mui peçonhenta. — Os dois conheciam-se e muito.

«Por aqui, doido velho? — disse o homem do ferragoulo com certo ar de repugnante satisfação e como insultando na voz e nos gestos o ancião respeitavel — por aqui? Não quizeste esperdiçar o teu quinhão de festa. Que te parece? Será de dar nos olhos.»

Radiava-lhe no rosto a vilissima alegria d'alma rasteira que se vinga d'alguma nobre acção com um motejo grosseiro.

«Aqui estou — respondeu o velho — aqui estou e aqui vim para acabar a minha missão, como vós, nobre fidalgo (3) das Hespanhas, para cumprirdes a vossa. Triumphais .... mas não é á fraqueza do velho que deveis o triumpho.... Fiz quanto pude .... paciencia .... Deus não quiz.»

«Ou antes o não quizeram elles — acudiu o que primeiro fallára. — Assim o pensaste pelo menos... Mas tu velho, não fizeste entrar nos teus calculos insensatos o odio, o rancor, e a vingança de quem não podia nem dar socego á alma nem conceder descanço ao corpo sem acabar a sanguinosa contenda. Vigiei sempre álerta, sempre de pé, sempre prompto e hoje, *mala muerte!* hoje posso dizer como corôa da minha obra «eis-me-aqui — venci!»

Era horrendo o prazer do homem terrivel!

«Chorára de compaixão por vós, senhor = tornou o ancião, se os meus olhos podessem já ter lagrimas. Esgotei as que tinha, esgotei-as até á ultima. Só ficou agora aqui, aonde outr'ora houwe a chamma do sentir, uma pouca de cinza fria e morta... Deus vos responda por mim.»

Vinham d'alma as palavras do velho, — sacudi-

(1) O territorio de Jaen, aonde a acção deste capitulo se passa, faz parte da provincia de Andaluzia.

(2) Era uma villa ou burgo quasi toda edificada de marmore negro. = Busching.

(3) *Hijo d'algo*; d'ahi *hidalgo*; d'ahi *fidalgo*.

das e requeimadas de funda raiva interior: eram uma, como citação para o tribunal supremo.

N'isto começaram a ouvir-se os lugubres e prolongados gemidos, que davam os sinos dos quatro conventos do valle, dobrando a finados. Viu-se então um estranho espectaculo. Por um lado extenso acompanhamento de bucellarios, peões (4) e ginetes, levando no meio dois sentenciados, desembocava no valle. Pelo outro, elrei, seguido dos seus lusidos cavalheiros, sahia a cavalgar na campina. Vinham os condemnados opprimidos de cadêas e insultados pela multidão — abandonados e escarnecidos. Ia elrei alegre e folgado — saudado pelo povo e lisongeado pelos cortezãos. E como uns entrassem e outros sahissem acertaram de se encontrarem quasi no fim do valle aonde o caminho corria mais estreito e apertado.

«Ah! são esses assassinos infames — disse elrei — esses fugidos traidores! Folgo de os encontrar; apraz-me o ver como as minhas justiças se cumprem. Para isso e para satisfazer o pedido do nosso honrado primo de Lara, a quem tanto mal fizeram, os mandei vir aqui.

E parou com os seus para gosar da agonia dos dois infelizes padecentes. Não vinham estes porem com as frontes pendidas, nem com os olhos lagrimosos, nem com os semblantes resumbrando terror. Sim traziam as faces palidas, mas esta palidez vinha do soffrimento, não do susto. Era o seu porte magestoso e firme, erguidas traziam as cabeças e os passos moviam-nos seguros. Pareciam antes victimas que justiçados. Fazia doer o coração aos proprios que os conduziam vê-los assim tão moços, tão nobres e resignados caminharem para o supplicio... e que supplicio!

Subitamente e como por unanime inspiração ambos os condemnados pararam diante d'elrei, parando com elles os guerreiros. Foi solemne aquelle momento.

«Salva, ó rei, a meu irmão — bradou um delles, o mais moço, cujos modos e ademanes como que inculcavam maiores penas e torvação d'espirito. —Salva-o que é innocentissimo. Mata-me tu a mim, ó rei, que me não queixo, mas da-lhe a vida a elle — livra-o da affronta desta morte para que o nosso nome não fique perdido e deshonrado para sempre. A mim não me importa o morrer — farme-has um beneficio como de certo não pensas — mata-me ..... sou culpado de uma culpa, que se consegui desterra-la das minhas acções ainda a não pude afugentar dos meus pensamentos... mas a elle! ... perdoa-lhe a elle, ó rei.. e abençoar-te-hei morrendo... no proprio logar do meu supplicio.»

«Não, não quero a vida — acudiu d'alli o outro vivamente — não ta acceito ainda que ma dês, ó rei. Ah! vêde vós, senhores, se eu teria animo para ficar neste mundo vendo apartar-se d'elle tão santa e generosa alma.... é neste e não em mim, monarcha de Castella, que deve cahir o teu perdão... é neste!...»

E abraçavam-se ambos com as vistas, já que o não podiam com os braços, lastimosamente maniatados. Quem não terá nesta luta, de rara virtude, reconhecido os dois irmãos Carvajales? Quem senão elles, naquella epocha odienta e prevaricada, no meio de côrte tão insidiosa e turbulenta, poderia dar similhante exemplo de pura dedicação, que tanto maior vos parecerá, leitor, quanto mais attentamente lançardes os olhos para o que deixâmos contado, sobre tudo no primeiro capitulo? Considerai-os a ambos como alli vo-los appresentei e vereis até aonde chegava a generosidade d'aquelles nobres espiritos.»

«Já a um de vós, traidores — respondeu elrei — mandei eu, n'um culpado momento de misericordia, o meu perdão. Que fisestes delle? Despresaste-lo, despresando a auctoridade real... Fugistes depois como covardes, confessando assim vossa culpa e continuando na obra de assassinos.... Acabasteis com D. Henrique de Lara como tinheis acabado com o leal Benavides... o segundo próva pelo primeiro... assim como o precipitastes n'um abysmo d'onde a custo foi tirado seu corpo, assim sereis n'outro abysmo precipitados... morrereis como matastes... e esta minha sentença é irrevogavel.»

«Não acceitámos, ó rei, o teu perdão, porque a um só deixava com vida e a ambos nos levava a alma...

«As nossas mãos estão puras e limpas de todo o sangue... Nunca derramámos senão o de teus inimigos pelejando por ti.»

«O que disse está dito. — Morrereis.»

Então os dois irmãos olharam-se, e n'aquelle olhar perceberam que não podiam continuar na sua virtuosa contenda; viram que ambos careciam de viver.

«Salva-nos, senhor rei, que ambos estamos innocentes.»

Disseram juntos. — Era um brado do coração, mais visinho da ameaça que dos rogos. O rei, vaidoso e cholerico, foi inflexivel e respondeu: —

«Ambos morrereis!»

»É uma condemnação iniqua e desleal — bradaram os dois com os rostos inflammados de nobre indignação — e para que as nossas memorias e as de nossos pais não fiquem eternamente infamadas, na presença de vós outros, senhores cavalleiros de Leão e Castella, condes, barões, ricos-homens, potestades, maiorinos ou tenentes, magnates ou próceres, na presença de quantos aqui estaes, nós D. Pedro e D. João do Carvajal, ricos-homens e homens bons em terras de Carvajal, cavalleiros antigos, de sangue velho e catholico, emprasâmos ao rei D. Fernando 4.º de Leão e Castella para dar rasão do seu dito e feito no tribunal de Deus, daqui a 30 dias, e esperâmos provar-vos nossa innocencia. — E com isto, senhores, o céu vos tenha em sua digna e santa guarda. Caminhemos.»

E o funebre cortejo dos sentenciados seguiu para diante deixando maravilhados, attonitos e confusos os cortesãos, e a elrei despeitoso mas contumaz.

Pouco tempo depois D. Fernando e a sua nobreza tinham já esquecido os dois infelizes irmãos e o seu terrivel emprasamento, e campeavam alegremente folgando com brincos de mancebos.

Pouco tempo depois D. Pedro e D. João do Carvajal pararam na curta esplanada da ponta da rocha, acompanhados do pequeno numero de guardas que alli cabia, do sayão algoz, e de um venerando religioso do convento de S. Francisco do Valle. — Quem acharam elles lá, no seu momento derradeiro, na hora suprema, que tão cedo e tão tristemente lhes soava? Dois como genios inseparaveis delles — um do bem, outro do mal. — Affonso, o antigo, o bom, o leal servidor Affonso; D. João de Lara, o barbaro, o cruel, o traidor D. João de

(4) Soldados de certa bandeira, especie de clientes, ou antes guardas de corpo. — Eram os de mais confiança.

Lara, o homem do ferragoulo, o incognito do terreiro de Burgos, a voz tremenda da igreja de *las Huelgas*, o perseguidor incessante, o espia infatigavel, o tigre sequioso e insaciado que vinha gozar da sua victoria, e insultar baixa, covarde e vilmente as victimas que por si fizera chegar a tão lastimosa e desamparada sorte.

«Conheceis-me? perguntou, chegando-se aos irmãos carregados de grilhões o feroz D. João de Lara, e fazendo affastar com gesto auctorisado quantos os rodeavam. — Conheceis-me?»

Era horrenda a ironica expressão desta simples palavra.

«Por um fellão e covarde, indigno do nome de cavalleiro com que te enfeitas — respondeu firmemente D. Pedro.»

«Insultos a esta hora, D. Pedro do Carvajal! Podes vomita-los a teu sabor, porque eu não careço de mais que de abrir ou fechar esta mão para te suffocar a injuria na mente e a palavra nos labios. Que te parece este nosso encontro final?... Odio que tão baixo nasceu fez-te bem alto subir!... Eras rasteiro de mais para te medires comigo; olha o degrau que te dou!»

«Por mais alto que nos ponhas, D. João, nunca nos farás encarar abysmo tão medonho que o não seja mais a tua presença.»

«Largo espaço se passou sem que nos vissemos, D. Pedro, diante da luz do sol. Encontrámo-nos nas sombras, mas então nem os teus olhos tinham vistas para me verem, nem ao meu braço dera eu ainda licença para te ferir! — Oh! que me não comprazia com uma vingança occulta e encuberta, precisava de um logar alto e eminente, sobranceiro a todos, d'um abysmo devorador e pavoroso, d'um tremendo cadafalso, erguido por Deus, para d'ahi bradar a quem quizesse ouvi-lo: = Eis-aqui como um Lara se vinga. = O momento chega; o cadafalso aqui o tens; e o brado de vingança posso agora solta-lo. — D. Pedro e D. João do Carvajal encarai a féra e alta vingança dos de Lara.»

«D. João de Lara encara tu, se podes, o desprezo dos de Carvajal — responderam os dois unanimemente. — Depois D. Pedro continuou: —

«Tudo o que tinhamos na terra, tudo perdemos; nem só uma cousa das que presavamos ficou livre e intacta.»

Aqui D. Pedro fitou os olhos no irmão que abaixou os seus suspirando.

«Quanto nos era querido no mundo chegando-se a ti quebrou-se e espedaçou-se... Que temos nós que lamentar?»

«Nada: — interrompeu neste ponto uma voz tremula e dolorosa. — Nada, que o velho que deixais não tardará em seguir-vos, se é que a sua dôr o não tem já morto de todo.»

Era o ancião Affonso, que os dois não tinham visto ainda, e que se deitára de joelhos diante delles com tal e tão funda agonia, que toda lhe estava recolhida lá no íntimo, sem que uma lagrima ou um soluço lhe assomasse a olhos ou labios.

«Ergue-te, meu amigo e meu pai, que de pai nos tens sempre servido — acudiu D. Pedro tomando-o nos braços. — Queres tu fazer-nos fracos e timidos neste instante solemne! Morremos innocentes, devemos morrer fortes. Ah! nunca possa dizer um Lara que um Carvajal tremeu.»

«Não, não, meus filhos, não!...»

E elle proprio tremia e desmaiava.

«Convem morrer, mas como homens, como hespanhoes e como cavalleiros.... Affonso, Affonso, essa tua lealdade e tudo o que por nós padeceste e fizeste...»

«Foi inutil e vão — que póde um pobre velho?...»

«Aqui o levâmos n'alma.... Affasta-te, Affonso, affasta-te que o ver-te nos tira as forças... Vês, vês tu estas lagrimas que já nos vendam os olhos.»

«Filhos das minhas entranhas, filhos de minha alma, meus filhos!»

Enlaçaram-se todos tres com tamanho amor e tanta mágua, que as proprias penhas se fenderiam de ouvi-lo e presencia-lo. Depois D. Pedro arrancando-se dos braços do velho limpou os olhos lentamente, e erguendo o rosto altivo bradou: —

«Chorei, D. João, chorei, podeis ir contar que viste chorar um Carvajal á hora da sua morte. — Para que me heide envergonhar? — lagrimas são d'homens... Arrancou-me a dôr do coração o que nunca me arrancaria o apparato do supplicio... Chorei, senhores — fallava para todos — bem me vistes chorar... mas foi de mágua, que não de susto.»

D. João de Lara gozava, sorrindo de parte, daquella dôr grande.

«E tu, meu fiel amigo — continuou D. Pedro dirigindo-se ao velho — se algum dia tornares a vêr aquella que eu já não verei senão no céu, entrega-lhe esta charpa...

Era uma banda de seda branca com as armas dos de Carvajal, bordadas pela propria mão de Yolanta.

«É um dom do seu amor... entrega-lha... talvez seja mais feliz do que eu, talvez a reconheça... e se te entender... oh! dize-lhe que morri por ella e pensando nella... Desculpai, padre, era minha desposada perante Deus, Deus me perdoará tal pensamento e em tal hora. Dize-lhe Affonso.... ah! que lhe hades tu dizer que ella comprehenda...»

O de Lara largou uma gargalhada: era horrendissimo!

«Pobre anjo!.... nem ella fugiu a esta sina.... Affonso, dize-lhe que a espero no céu... Deus é de misericordia.»

D. João do Carvajal voltou o rosto, e houve quem visse correr-lhe pelas faces uma lagrima furtiva. — O ancião tomou a charpa respeitosamente e foi, sem dar mais palavra, ajoelhar-se n'um canto da rocha.

«Vamos — continuou D. Pedro para os guardas — aqui nos tendes promptos agora; tudo o que é da terra, á terra o deixâmos... nada nos prende já... vamos, não duvideis...»

«Não duvidarão por certo — acudiu D. João de Lara, que a largos sorvos bebêra o prazer de ver ferida profundamente a sensibilidade dos dois irmãos naquella hora. — E se tendes esperanças perdei-as; que são estes os meus fieis bucellarios que só as minhas ordens aguardam.»

«Nada esperâmos senão a morte — tornou D. João do Carvajal.»

«A morte não vos tardará. Vedes? é um abysmo que nunca póde ser medido por homens... faz fugir a luz dos olhos o encara-lo — vedes?... D'um precipicio sahiu o derradeiro gemido de D. Henrique de Lara, meu irmão.... d'outro sahirão dois de dois Carvajales....»

Faiscavam-lhe os olhos; tinha o rosto descomposto. Fazia medo o ve-lo naquelle momento.

«São mil mortes n'uma morte... cada ponta de

rocha, cada uivo da torrente lá debaixo é um instrumento de martyrio, é um ronco do inferno... tudo isto é meu agora, e por tudo vos farei passar. Nem que viesse Deus do céu, nem que se erguessem contra mim todos os poderes da terra, eu, senhor aqui, deixaria de vos impellir para o abysmo bradando: — «vinguei-me!»

Horrorisavam as blasphemias do monstro, e o seu ar tremendo.

«D. Pedro e D. João do Carvajal... eis-aqui o remate da nossa contenda...»

Trovejava com a voz.

«Do erguido pedestal que arvorei para a minha vingança, aqui piso aos pés o nome honrado de vossos pais.»

«Senhor» interrompeu supplicando o sacerdote.

«Deixai-o, acudiu D. Pedro, é a ultima vileza.» O ancião Affonso tapou os ouvidos para não ouvir.

«Sim: — continuou o infame, furioso e ébrio de raiva e torpe satisfação — d'aqui atiro aos furores da maledicencia e aos desprezos do povo com a vossa fama que affrontava a minha, daqui vos arrojo ás pragas e motejos das turbas cegas e brutas com o vosso antigo brasão rival do meu. Quanto fostes e quanto sois, tudo vou eu sepulta-lo nesse abysmo terrivel, horrendo, espantoso...»

«Mas preferivel a ouvir-te — interrompeu D. Pedro. — Sacerdote de Deus, da-nos a tua benção...»

Ajoelharam ambos aos pés do religioso, e neste acto D. João, que estivera quasi sempre calado, abraçando o irmão disse-lhe ao ouvido: —

«Irmão perdoa-me, neste momento ultimo, a culpa de toda a minha vida?»

«Sejam-te contados no céu os soffrimentos da terra. — Se tiveste culpa....

«Ainda a tenho irmão....»

«Cala-te..... bem a has resgatado... Se tens culpa eu ta perdo-o.»

«Posso morrer digno de ti, se não digno de....»

«Calla esse nome agora como o tens callado até aqui...»

D. João suspirou. Tudo se passára mui rapida e mansamente. O sacerdote recitou em voz alta algumas orações, e depois absolvendo os dois irmãos exclamou: —

«Deus vos perdoe se sois delinquentes, e se o não sois Deus conceda a graça do arrependimento aos vossos inimigos.»

«Amen — murmuraram os dois.»

Depois erguendo-se travaram um e outro mutuamente das mãos e encaminharam-se para a beira do abysmo. Gellou a todos o coração de terror. O de Lara ria sempre hediondamente... Que momento para rir! Já os de Carvajal pendiam os corpos para se precipitarem juntos quando seus olhos deram no abysmo, e juntos tambem, dadas as mãos, recuaram alguns passos com os cabellos hirtos e os olhos afogueados—a humanidade reclamava os seus direitos.

«Precipitai-os, que fogem de medo.«

Clamou, rugindo de alegria por aquelle momento de horror, o feroz Lara. Mas os dois com impulso sobrenatural se arrojaram para diante bradando: —

«Ninguem se chegue!

O abysmo estava alli... na frente, mas o de Lara estava atraz.., apertaram violentamente as mãos e.....

. . . . . .

D. João de Lara, com os olhos fitos no precipicio, o corpo meio pendido e os cabellos erriçados, veio á borda do abysmo ver os corpos dos dois irmãos baterem de rocha e rocha, e descerem lá por onde a vista não alcançava. Mas a sua prophecia não se verificou. O extremo gemido de D. Henrique viera á superficie, mas os de Carvajal cahiram sem um ai. Alguns segundos depois ouviu-se o baque surdo dos corpos que davam na agua. D. João praguejou pela ultima vez sobre o negro abysmo, e como se voltava deu com o velho Affonso cahido de bruços, com o rosto sobre a rude pedreira. Acudiu o religioso a levanta-lo, mas era tarde. Tinha a fronte aberta por uma pedra angular. Cahira sem poder resistir á sua dor, e pela larga ferida lhe fugira a pouca vida que ainda tinha. Era mais um martyr.

. . . . . .

Alguns dias depois uma noviça de las Huelgas indo pela manhaã á cerca por misteres da abbadessa foi achar a pobre doida do mosteiro, que assim chamavam uma recolhida que tinham, meia deitada nos degraus d'uma capellinha tosca e humilde que lá havia... mui alva... e mui conchegadinha nos seus vestidos... Parecia ella sorrir... mas com um sorriso!... de anjos do céu!....

Haviam-se naquella noite esquecido do recolher a pobre doida, como era costume, e quando lá foram guiadas pela noviça acharam-na mui branca, mui alegre..... e morta!

Tinha junto de si, no chão, um amor perfeito desfolhado, e posta sobre o peito uma charpa bordada, com certas armas conhecidas da abbadessa, que um religioso franciscano trouxera de mui longe á pobre doida!

. . . . . .

Eram passados 30 dias. Dobravam todos os sinos. Quebrava-se nos terreiros da villa o escudo real; e a côrte vestia-se de burel branco.

«Quem morreu?»

«Orai a Deus por D. Fernando 4.° de Leão e Castella, que se finou hoje subitamente em terra de mouros» (5).

. . . . . .

E só ao de Lara quiz o céu estender a vida para lhe estender o tormento e o castigo!

Silva Leal — Junior.

A DIFFERENÇA entre o cubiçoso e o avarento é que o cubiçoso quer o dinheiro para gastar, o avarento quer o dinheiro para guardar. O cubiçoso usa do dinheiro como meio e instrumento para conseguir outros fins; o avarento não tem outro fim em ter dinheiro senão o ter, e faz do mesmo dinheiro o seu ultimo fim. — *Vieira. Sermões. Part. 7.ª*

Preservação de specimens botanicos. — Não ha bem dois annos, um professor, socio da Sociedade Botanica d'Edimburgo, appresentou a esta corporação algumas observações sobre a conservação de fructos e outros objectos botanicos no estado de fresquidão natural, dando em resultado de numerosas experiencias feitas por muitos annos com diversos fluidos que nenhum destes é tão proprio como uma solução concentrada de sal commum, ou especie de salmoura apertada, para conservar tanto a consistencia como a côr dos fructos, folhas, e flôres. Todavia quando os fructos são mui polposos, como laranjas, &c. a solução do sal os encarquilha, pelo que é para esses preferivel o ácido pyrolignoso tambem diluido.

(5) Morreu em Jaen recentemente tomada aos mouros.